

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS PARA GÊNERO E SEXUALIDADE: Estudo de caso na cidade de Ubá-MG



MACIEL, Marcela do Prado;  
NOGUEIRA, Natália Batista.  
ARAÚJO, Ludmilla Carneiro – ORIENTADORA



## INTRODUÇÃO

Em face do cenário atual onde o conservadorismo é dominante, falar da temática gênero e sexualidade na formação docente é indispensável. A formação de professores atualmente tem sido um assunto em evidência visto que cresce a cada dia mais o número de faculdades particulares que oferecem cursos de pedagogia e principalmente faculdades com ensino à distância (Ead). A partir deste ponto surgem alguns questionamentos importantes: será que todas essas faculdades oferecem um curso de qualidade e que realmente preparam os (as) futuros (as) professores (as) para todos os desafios e vivências que acontecem dentro das salas de aulas junto aos estudantes?

Por mais que se negligencie abordar e discutir questões sobre gênero e sexualidade nas escolas é recorrente ouvir relatos de professores que já presenciaram situações no cotidiano escolar. Diálogos abordando esse assunto tem ganhado cada vez mais visibilidade, visto que “são temáticas importantes e urgentes, já que estão relacionadas à preservação da vida e aos direitos humanos” (PESSÔA, PEREIRA e TOLEDO, 2017, p.29). Diante da enorme necessidade de dar espaço para a educação sexual nas escolas e da importância de profissionais qualificadas, este trabalho tem o objetivo de analisar qual é a presença (ou não) da formação em gênero e sexualidade na formação de professores e professoras atuantes em duas instituições de ensino superior de Ubá – MG bem como analisar suas percepções a respeito da temática.

## METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa sobre a formação em gênero e sexualidade de professores e professoras de duas instituições de Ensino Superior da cidade de Ubá – MG que ministram disciplinas no curso de Pedagogia e no curso de Educação Física. Foi enviado um questionário através do *Google forms*, que alternavam perguntas abertas e fechadas com o objetivo de analisarmos se os espaços de formação docente que eles (as) tiveram contato ofereceu discussões da temática gênero e sexualidade e quais as percepções destes profissionais sobre a temática. Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios. Além da disponibilização do questionário nosso trabalho também se apoiou na pesquisa bibliográfica que segundo Amaral (2007, p.1), “[...] influencia todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho”. Após a obtenção das respostas do questionário e embasado na pesquisa bibliográfica desenvolvida foram apresentados uma análise e problematização dos resultados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos 13 respostas de professores e professoras das duas instituições de ensino da cidade de Ubá, com faixa etária entre 30 e 57 anos.

Sobre suas formações, constatamos que 31% possuem mestrado, 23% contam com doutorado, 23% são pedagogas, 15% são formados em Educação Física e 8% possuem formação em Ciências Biológicas.

Durante a formação em nível superior, 61,5% relataram uma falta de abordagem do assunto gênero e sexualidade e os 38,5 % restantes tiveram a oportunidade de adquirir conhecimento sobre a temática, sendo desses 60% ainda na graduação e 40% no mestrado. Apesar de não ser 100% dos (as) professores (as) que tiveram um conhecimento sobre a temática, todos (as) responderam que consideram de extrema importância abordar esse assunto com os futuros profissionais que estão se formando em licenciaturas atualmente.

Eles (as) relataram que ministram disciplinas diversificadas, como por exemplo, Libras, Educação Inclusiva, Anatomia, Atletismo, História da Educação, Tecnologia Assistiva entre outras, mas 76,9% dos professores que responderam a nossa pesquisa ainda não tiveram a oportunidade de falar sobre essa temática em sala de aula. Podemos problematizar a partir disso que ainda hoje não são oferecidos espaços para discussões sobre o assunto, “os currículos universitários conservam uma tendência a privilegiar determinados saberes, mais “legítimos”, mais “científicos”, que seriam a base de sustentação” (FERRARI E CASTRO, 2012, p. 76). Outro ponto interessante foi que 61,5% dos profissionais se sentem receosos ao falar sobre gênero e sexualidade com os (as) alunos (as). Quando perguntados o motivo desse receio Henrique coloca: “*Meu receio se dá por conta da complexidade do tema. Conseguir alcançar os alunos e ampliar suas percepções é uma tarefa difícil em uma sociedade quem tem como base o conservadorismo*”. Segundo Ferrari e Castro (2012, p. 78) isso “torna-se motivo de incerteza, de insegurança, já que não se deixa “dominar” enquanto conteúdo específico, como aqueles “tradicionalmente” integrantes do currículo”. Quanto à importância de se trabalhar gênero e sexualidade nas licenciaturas as respostas foram variadas, por exemplo a de Maria que diz que: “*Os cursos da licenciatura formam professores, formadores de opinião. Precisamos que essas informações estejam bem articuladas para que esses professores possam repassar as informações e construir um senso crítico nos alunos, diminuindo assim o preconceito*”. E também Fagoquiano que coloca como: “*Primordial. A escola é o espaço ideal para a formação integral de cidadãos. Parte dessa, diz respeito ao desenvolvimento da compreensão dos direitos humanos, sem preconceitos e discriminações*”. A partir dessas duas respostas ressalta-se que a escola é um espaço diversificado que visa a formação de cidadãos, e a formação dos alunos “deve ser repensada, pois não mais ser concebida considerando-se uma lógica pouco produtiva em que um ensina e o outro aprende.” (PESSÔA, PEREIRA e TOLEDO, 2017, p.26).

## CONCLUSÃO

Concluimos que a grande maioria desses (as) professores (as) consideram relevante e de grande importância trabalhar gênero e sexualidade na formação de professores mesmo que em sua formação inicial não tenham tido a oportunidade de aprender um pouco mais sobre essa temática, seja por meio de uma disciplina ou grupo de estudos que a contemple. Negligenciar a temática gênero e sexualidade nas escolas que são espaços que objetivam a formação cidadã e integral dos alunos é quase impossível, pois a qualquer momento o assunto pode ser levantado pelos próprios alunos por ser algo inerente do ser humano e presente em toda a sua vida, e não cabe mais apenas as disciplinas de ciências e biologia trabalharem o assunto voltadas apenas aos fatores fisiológicos e apenas para adolescentes. Cabe às instituições de ensino se conscientizarem sobre a importância de se trabalhar gênero e sexualidade numa tentativa de desconstruir padrões excludentes.

## REFERÊNCIAS

FERRARI, Anderson; DE CASTRO, Roney Polato. “Nossa! eu nunca tinha parado pra pensar nisso!” – gênero, sexualidades e formação docente. *Interfaces da educação*, v. 3, n. 7, p. 69-83, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/573>. Acesso em: 30 abr. 2022.

PESSÔA, Lilian Correia; PEREIRA, Rodnei; TOLEDO, Rodrigo. Ensinar gênero e sexualidade na escola: desafios para a formação de professores. *Revista de Estudos Aplicados em Educação*, v. 2, n. 3, p. 18-32, jan./jun. 2017.